

ESCOLA DE PRINCESAS: conservadorismo e naturalização do feminino

Renata Rodrigues Brandão
Teresa Vitória F. Alves

Resumo

O universo da etiqueta social, beleza, moda e comportamento dito femininos vem sendo explorado nas sociedades ocidentais contemporâneas principalmente pelos diferentes tipos de mídia. Pesquisas com base em revistas femininas, capas de revistas e publicidades demonstram como essas práticas discursivas instituem modelos e normas sociais que naturalizam o feminino por meio da matriz heterossexual. Há pelo menos quatro décadas de denúncias feministas em relação a esses estereótipos femininos como formas de violência simbólica, de avanços e conquistas realizadas pelos movimentos feministas e os estudos de gênero. É notável como desde a segunda metade do século passado há uma maior visibilidade das mulheres na escrita da história, no fazer da ciência, em cargos de chefia nos diversos postos de trabalhos, ocupando as cadeiras das universidades como alunas e mestres ou, garantido os direitos. O sucesso da Escola de Princesa da cidade mineira de Uberlândia é, sem dúvida, um marco nos movimentos conservadores que reproduzem práticas discursivas que naturalizam o feminino e a coerência sexo-gênero-desejo, determinando o destino das mulheres para o casamento heterossexual, a maternidade e o cuidado do lar. Analisar as práticas institucionais referentes a essa escola por meio das práticas discursivas presentes no seu *site*, redes sociais e vídeos no *youtube* nos permite vislumbrar os meios pelos quais essa normatização e naturalização do feminino persiste ainda nos dias de hoje.

Palavras-chave: Femininos; Escola de Princesas; Conservadorismo; Estudos de Gênero.

PRINCESS SCHOOL: conservatism and naturalization of the feminine

Abstract

The universe of social etiquette, beauty, fashion and so-called feminine behavior has been explored in contemporary Western societies mainly by different types of media. Research based on women's magazines, magazine covers and advertisements demonstrate how these discursive practices institute models and social norms that naturalize the feminine through the heterosexual matrix. There have been at least four decades of feminist denunciations of these feminine stereotypes as forms of symbolic violence, advances and achievements made by feminist movements and academic gender studies. It is remarkable how since the second half of the last century there has been a greater visibility of women in the writing of history, in the making of science, in leadership positions in the various jobs, occupying university chairs as students and masters or, guaranteed the rights. The success of the Princess School in the city of Uberlândia, Minas Gerais, is undoubtedly a milestone in conservative movements that reproduce discursive practices that naturalize the feminine and the destiny of women for heterosexual marriage, motherhood and home care. Analyzing the institutional practices related to this school through its website, social networks and videos on youtube allows us to glimpse the means by which this standardization and naturalization of the feminine still persists today.

Keywords: Female; Princesses School; Conservatism; Genre.

ESCUELA PRINCESA: conservadurismo y naturalización de lo femenino

Resumen

El universo de la etiqueta social, la belleza, la moda y el llamado comportamiento femenino ha sido explorado en las sociedades occidentales contemporáneas principalmente por diferentes tipos de medios. Investigaciones basadas en revistas de mujeres, portadas de revistas y anuncios demuestran cómo estas prácticas discursivas instituyen modelos y normas sociales que naturalizan lo femenino a través de la matriz heterosexual. Ha habido al menos cuatro décadas de denuncias feministas de estos estereotipos femeninos como formas de violencia simbólica, de avances y logros de los movimientos feministas y los estudios de género. Es destacable cómo desde la segunda mitad del siglo pasado se ha producido una mayor visibilidad de la mujer en la escritura de la historia, en la elaboración de la ciencia, en los puestos de liderazgo en los distintos puestos de trabajo, ocupando cátedras universitarias como alumnas y maestrías o, garantizado, los derechos. El éxito de Princess School en la ciudad de Uberlândia, Minas Gerais, es sin duda un hito en los movimientos conservadores que reproducen prácticas discursivas que naturalizan la coherencia femenina y sexo-género-deseo, determinando el destino de las mujeres para el matrimonio heterosexual, la maternidad y el hogar. cuidado. Analizar las prácticas institucionales relacionadas con esta escuela a través de las prácticas discursivas presentes en su sitio web, redes sociales y videos en youtube permite vislumbrar los medios por los que aún hoy persiste esta estandarización y naturalización de lo femenino.

palabras clave: Femenino; Escuela de princesas; Conservatismo; Estudios de género.

Uma bandeira cor-de-rosa e dourada tremula no alto de uma casa branca. Não é um conto de fadas. Naquele Castelo em Uberlândia, fica a Escola de Princesas. Coroas de vários tipos e tamanhos decoram a sala de chá, a suíte da princesa, o quarto onde ela se veste e se maquia e outros espaços. Lá, princesas assistem a filmes, ouvem histórias, aprendem culinária, costura, noções de etiqueta e princípios humanos. (Folha de São Paulo, 28 de julho de 2013).

DO ESPANTO À PESQUISA E AO DIÁLOGO

O espanto é um elemento crucial da Filosofia. É o admirar-se com que é belo, extraordinário, surpreendente e fora do comum que provoca o pensar, instiga a vontade de saber. O espanto também pode provocar o medo que pode nos conduzir ao conhecimento.

O pensamento filosófico, por exemplo, é fruto de uma necessidade: a de conhecer, a de interrogar e compreender a realidade em seus múltiplos aspectos, de indagar sobre si mesmo e das suas práticas. Quando estamos diante de uma situação diferente, inesperada, temos uma atitude de admiração e esta atitude é ponto de partida para o ato de filosofar, pois nos leva à descoberta de nossa própria ignorância e à indagação sobre o que ignoramos. (NETO, 2017).

Ressaltamos que as aprendizagens se concretizam e se transformam em conhecimento no momento que nos expomos para o mundo e para suas diversas pluralidades. Nossas experiências devem e podem ser difundidas em diferentes espaços e em diversos grupos, pois só assim compartilhamos ideias, angústias e buscamos caminhos para

os desafios que surgem. As trocas de experiências nos levam a pensar e a reelaborar nossas vivências.

Partindo da ideia das trocas de experiências/ vivências que durante o minicurso “Novos olhares das práticas na sala de aula de História” ministrado durante a ANPUH-RJ em 2016, que nós ficamos sabendo sobre o modelo da Escola de Princesas¹ que existe em Uberlândia (MG). Em nosso último dia de minicurso ouvimos com grande espanto o depoimento de três participantes: a professora-orientadora e suas bolsistas da Universidade Federal de Uberlândia que nos relataram sobre o projeto desse modelo educacional e o alvoroço que ele provocava na sociedade de Uberlândia e como o sucesso de tal empreendimento já tinha se expandido e aberto uma filial em São Paulo.

Tal relato nos despertou e provocou o desejo de saber um pouco mais acerca dessa proposta educacional. Qual relação entre a emergência e o sucesso da Escola de Princesas e a “onda conservadora” vivenciada com mais força na última década no Brasil? Quais são as práticas discursivas que norteiam as propostas desta escola e sua relação com o reforço de estereótipos femininos? Nosso espanto diante do burburinho provocado em sala pelo tema foi potencializado pelo fato de estarmos imersas em uma jornada de três dias, nos dedicando a compreender e repensar a prática de ensino de história a partir das críticas feministas e das contribuições dos estudos de gênero. A proposta de uma Escola de Princesas entrava em confronto com a defesa de praticarmos um fazer pedagógico em que o ensino da história fosse transgressor em relação às normas de gênero instituídas e possibilitasse que os sujeitos enredados nas relações de poder presentes nas escolas fossem capazes de refletir e dialogar sobre elas, questionando, fundamentalmente uma masculinidade branca e hegemônica.

Um ensino de história que desestabilizasse a persistente narrativa no masculino, branco e eurocêntrico presente nos livros didáticos e nas salas de aulas. Sendo assim, era no mínimo espantoso, ter que lidar ao final deste minicurso com os relatos e os questionamentos referente ao sucesso de uma instituição que se dedica a ensinar meninas a se portarem e vivenciarem uma “mística feminina”². E, ainda, tomar conhecimento do sucesso e da

¹ Que tem como slogan: *A Escola de Princesas: todo sonho de menina é tornar-se uma princesa*. Ver página da instituição em <http://escoladeprincesas.net/ws/>, acesso em 05/01/2021.

² A feminista americana Betty Friedan denunciou a manipulação da mulher americana pela sociedade de consumo no seu livro de 1963, denominado “Mística feminina”. Nele ela demonstra como revistas femininas e outras mídias estadunidense reproduziam incessantemente que as mulheres dedicadas ao lar, ao marido e aos filhos era o modelo a qual todas as outras mulheres deveriam se pautar.

expansão desta empreitada que contava com fila de espera para a matrícula de meninas na recente inaugurada filial paulista.

Do espanto nasceu à escrita deste artigo; afinal falamos como professoras atuantes na educação básica, ou para usarmos o nosso jargão falamos a partir do “chão da escola”. É nele que vivenciamos, e tentamos aprender a lidar com as feridas abertas em nossos alunos que não se encaixam nas normas binárias de gênero, na coerência sexo e desejo e nem nos padrões dos corpos e cabelos impostos pela grande mídia. É na escola que sentimos um mal estar geral com o corpo que nossa sociedade provoca. Corpo escondido, cortado, estuprado, maquiado, exibido em um cotidiano em que meninas com calça jeans justas e camisas curtas circula ao lado de meninas e meninos com os corpos cobertos de medo e baixa autoestima expressos pelos casacos de moletom portados durante todo o ano letivo inclusive no verão carioca. Corpos que se escondem, se exibem, se afirmam e que são reprimidos ou capturados pelos desejos masculinos que insistem em objetificá-los numa lógica em que ainda vigora uma *dupla moral sexual* (CHAUI,1984), isto é, a moral em que para os meninos-homens toda liberdade heterossexual é possível, previsível, aceitável e desejável e que para mulheres o recato e o cuidado com o corpo e a sexualidade é exigida. É nesse território tenso de múltiplos corpos com diferentes cores de pele e tipos de cabelos que muitas aulas perdem a possibilidade de serem potências transformadoras dos sujeitos, pois são incapazes de dialogarem com as demandas e anseios dos estudantes.

Se essa é ainda a realidade para muitos de nossas alunas e alunos cariocas do ensino fundamental, não podemos deixar de observar que ela existe apesar do reflorescimento dos movimentos feministas, que pleiteiam uma representatividade plural dos corpos, denunciam a gordofobia, lutam pelo direito ao aborto, identificam e nomeiam as relações abusivas sejam sexuais ou psicológicas. Também assistimos na última década uma maior visibilidade das feministas negras e a necessidade de pensarmos a relação corpo e escola a partir da interseccionalidade. Essas questões apresentadas no nosso minicurso foram atravessadas pela pergunta: “Como se explica o sucesso da Escola de Princesas nesse contexto social e cultural?” Esse artigo pretende dar continuidade ao debate iniciado em nossa jornada na ANPUH- RJ em 2016.

Exploramos e analisamos as práticas discursivas presentes no site da Escola de Princesas, bem como, o modo pelo qual esse empreendimento apareceu na grande mídia. Estabelecemos relações com os discursos conservadores que ganharam escopo nas redes sociais ao mesmo tempo em que a Escola de Princesas foi fazendo sucesso e abrindo filias

pelo Brasil. Argumentamos que é possível e enriquecedor ao debate pensar e atrelar a emergência desta escola e seu sucesso com a onda conservadora da última década que culminou na eleição do presidente Jair Bolsonaro cujo discurso de governo se resumia em ser “liberal na economia e conservador nos costumes”. Afinal sua posse foi celebrada pela ministra da Mulher, da família e dos Direitos Humanos, Damares Regina Alves com a frase “meninas vestem rosas e meninos vestem azul”.

Este trabalho é produto de uma pesquisa na *internet*, nas redes sociais e outras mídias com a finalidade de conhecer os discursos institucionais e não institucionais sobre a Escola de Princesas. A análise destes discursos encontra-se nas próximas páginas pautadas no uso da categoria de gênero e na compreensão de que uma prática discursiva é enredada pelas relações de poder.

A ESCOLA DE PRINCESAS E A ANÁLISE DE UM DISCURSO

“... a mulher tem uma doçura e uma feminilidade que é exclusiva dela. Todas as mulheres são princesas ou rainhas, mas algumas esquecem. Os valores que passavam das avós para as mães foram se perdendo, e eu considero que são valores atemporais” Natália de Mesquita de Souza para Correio Web, 30/08/2013.

Autores como C. Ginzburg e Roger Chartier³, entre outros, identificam a questão cultural dentro da síntese histórica como um aspecto particular de uma história global. Para Chartier, o mundo social e suas significações são sempre representados pelos interesses dos grupos que as criaram. Assim, há a necessidade de articular os discursos criados com seus criadores, sabendo que os mesmos não são neutros, pois produzem e reproduzem práticas e estratégias que justificam a posição de uma autoridade ou então servem para legitimar um projeto ou até mesmo justificar escolhas. Sob esta ótica, a apropriação cultural passa pela questão das diferentes formas de interpretação da realidade em que a mesma se insere.

Nesse momento R. Chartier destaca as inúmeras formas de se ler uma sociedade (escrita ou iconográfica, oral ou silenciosa, particular ou coletiva), onde o objetivo encontra-se em perceber a identidade do ser que nada mais é do que se não a denotação do real. Nessa questão da representação, ele pressupõe que o mundo social e suas estruturas são produzidos historicamente através de práticas sociais, políticas, econômicas, que articuladas entre si, constroem/ criam suas figuras.

³ Ver: GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987 e CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

Toda e qualquer sociedade cria modelos de ordem econômica, política e social e no decorrer do seu progresso concomitantemente surgem instituições, formam-se conceitos e imagens. Assim, trabalhar com o discurso produzido no passado é buscar a recuperação de imagens fragmentadas, tradutoras de uma forma única de vivenciar o espaço e o tempo. Cada palavra e o seu sentido possuem uma dinâmica própria em cada discurso e cada época⁴.

Partindo dos olhares desses dois historiadores vamos adentrar na construção do discurso que vai constituir a proposta pedagógica que norteia a Escola de Princesa, idealizada pela psicopedagoga Nathalia de Mesquita, que se define como cristã e que preza pela educação de princípios. A pedagoga abriu sua primeira unidade em dezembro de 2012, e em 03 anos novas filiais foram abertas em São Paulo, Rio de Janeiro, Manaus e Mato Grosso.

No programa da escola encontramos cursos de etiquetas, indicação de livros, ensaios fotográficos, tardes de chás e outros eventos que - naturalizam um ideal feminino vinculado ao universo das princesas dos contos de fadas- e são voltados para meninas de idade entre 04 a 15 anos. Mas, ao analisar o discurso presente na proposta pedagógica encontramos elementos que residem na difusão de princípios morais e valores sociais que, segundo sua idealizadora, possibilitarão a condução da vida dessas meninas, com sabedoria e discernimento, pois a formação na Escola de Princesas irá proporcioná-las um relacionamento social fundamentado na bondade e generosidade, sem deixar de lado seus sonhos. Pois, segundo sua diretora e idealizadora, “Todo sonho de menina é tornar-se uma princesa”.⁵

Ao analisar o *site* oficial da instituição percebemos que a representação da feminilidade difundida tem como base as figuras das Princesas da Disney, um universo onírico e infantil que visa corroborar com uma estética predominantemente branca, magra e de cabelos lisos cuja feminilidade é associada à doçura, a delicadeza e a espera pelo príncipe encantado. Ainda que muitas princesas tenham que, heroicamente, superar algumas adversidades impostas seja pela miséria econômica, a morte dos pais ou feitiços lançados por outras mulheres- invejosas identificadas como bruxas; ao final elas são salvas pelo príncipe para viverem felizes para sempre. Essa essencialização do feminino cujo destino é o casamento heterossexual e os cuidados do lar vai na contramão da visão de Simone de Beauvoir que, em 1949, nos alertou que ao utilizarmos a palavra mulher ou feminino não

⁴ Ver: VERÓN, E. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix: ed. da USP, 1980.

⁵ Ver: <http://escoladeprincesas.net/ws/>, acesso em 05/01/2021.

podemos achar que é uma essência imutável/ eterna, ou seja, que não existe apenas um modelo/ forma de demonstrar a feminilidade, pois “(...) ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR: 2016, p. 11).

Ao assumirmos que existe um modelo/ vocação feminina padrão incorporamos a ideia de que certos comportamentos tais como a maternidade, o casamento e a constituição de famílias nucleares heterossexuais, promove o discurso de que vivenciar essas estruturas é a única forma da mulher ser feliz.

(...) a valorização do matrimônio e dos bons costumes, a suposição de um “instinto materno”, o direcionamento constante ao espaço privado e a afirmação de uma beleza impecável são formas reconhecidas de controle do sujeito mulher. (CÚNICO et all: 2018, p. 178).

Esse estereótipo forjado durante várias gerações levou não só Simone de Beauvoir, mas feministas e pesquisadoras a identificar que inúmeras mulheres durante sua juventude esperavam e esperam por um “príncipe encantado”, para protegê-las e garantir sua felicidade que só é atingida no momento que se casam, cuidam de seus filhos e maridos.

Dentre os pontos que sinalizamos em nossa pesquisa destacamos a formação da identidade infantil, muito influenciada pela linguagem e os discursos existentes tanto dentro do núcleo familiar quanto em todos os espaços midiáticos. Pois, a linguagem é uma das ferramentas que influencia na forma de agir, de pensar e de entender o mundo e que é entendido como legítimos pelas crianças (meninas e meninos) e que vão se utilizar dos brinquedos, de filmes, músicas, fotografias (imagens em geral) e revistas para compreender a cultura em que estão inseridos.

Isso nos fica mais perceptível no momento em que o mundo infantil é marcado pelo “rosa para meninas e azul para meninos”; “meninos brincam de carrinho e meninas de bonecas”, marcando e consolidando um modelo social estereotipado e que desde cedo é descrito para as crianças e reforçado em espaços educativos e práticas pedagógicas.

Inúmeras são as imagens e narrativas que podemos identificar nos diferentes discursos presentes nas mídias (televisiva, impressos ou presentes nas redes sociais) e que rotulam ou determinam os padrões de feminilidade e que não dialogam com a realidade vivenciada pela maioria das mulheres. Esses rótulos contribuem para a manutenção de padrões e status sociais que disseminam a ideia de fragilidade e abnegação. Vale ressaltar que

feminino e feminilidade estão sempre associados ao corpo da mulher, como se, outros corpos não pudessem vivenciar e experimentar os padrões de feminilidades.

O universo do conto de fadas e do mundo das princesas Disney, por sua vez, também já foram explorados desde o clássico de Bruno Betlem – *A psicanálise dos contos de fadas* - até a dissertação de mestrado de Michele Bueno – *Girando entre princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças* - que demonstra por meio de um trabalho etnográfico em escolas públicas e particulares que as Princesas da Disney, presentes em lápis, borracha, estojos, lancheiras e outros apetrechos são fontes de repertório de gênero entre as crianças justamente pela associação entre beleza e glamour que as constituem enquanto ícones da feminilidade.

No decorrer da análise do *site* pudemos identificar alguns elementos que são fundamentais para conhecermos a proposta da idealizadora da instituição. São eles de que a identidade da mulher tem uma essência imutável, voltada para o casamento heterossexual, os cuidados domésticos e a maternidade. Trata-se de uma educação que acredita na verdade e essência da identidade do sujeito-mulher, na importância de reproduzir hábitos e costumes vinculados a etiqueta social, no cuidado estético da aparência pessoal e no conhecimento das tarefas domésticas.

A noção de identidade como essência e verdade a ser desvelada é promovida pela escola a partir do conhecimento e do domínio das características de uma princesa são elas: saber se portar e receber amigos e convidados – regras de etiqueta, cuidar da aparência como “cartão de visita”- cuidados estéticos, aprender a estabelecer relações “saudáveis e para vida toda”- relações familiares heteronormativas e a administrar o lar.

A instituição oferta uma modalidade de curso intitulado “Vida de Princesa”, que está estruturado em 12 módulos subdivididos em básico, intermediário e avançado e dividido em diferentes faixas etárias, que estão agrupados de 04 – 06 anos; de 07 – 09 anos; 10 – 12 anos; de 13 – 15 anos. Esses módulos versam por temáticas que tratam da: identidade de princesa, os relacionamentos de princesa, a etiqueta de princesa, estética de princesa, o castelo de princesa e de princesa a rainha. O discurso veiculado versa em princípios morais, éticos e sociais que estão norteados em características necessárias para a formação de uma princesa onde o culto a uma identidade marcada pela generosidade e a bondade, primando por relacionamentos heteronormativos norteados por uma vida regrada em um casamento feliz, com filhos perfeitos e uma casa que pode ser entendida como um castelo, onde a menina chega princesa e se transforma em rainha.

Uma outra modalidade de curso é “Férias de Princesa”, que é realizado durante o período de férias escolas regulares. Nesse curso as futuras princesas vão ter a oportunidade de conhecer o “castelo” e vivenciarem um pouco do que aprenderam no curso “Vida de Princesa”. Recebem dicas de beleza, moda, arte, culinária e outros comportamentos que fazem parte da formação de uma princesa.

Um outro espaço dentro do site que nos chamou muito a atenção é intitulado “Eventos e Festas”, onde identificamos atividades muito semelhantes aos que se encontram presentes nos filmes das princesas da Disney, tais como: o Chá de Princesas, o Encontro de Princesas, Aniversário de Princesa e Tardes de Princesas. Ao nos remetermos as nossas memórias de infância identificamos momentos vivenciados por nós mesmas em brincadeiras com nossas amigas, nos presentes que ganhávamos – dentre eles destacamos os aparelhos de chá de brinquedos ou nossas “panelinhas” para a construção e consolidação de um modelo que versa pela figura da mulher/mãe/esposa – que cuida da família e que por isso auxilia no bom andamento da sociedade. Como descrito na própria página do site a futura princesa vai receber um verdadeiro ensinamento de como se portar, se relacionar, se arrumar para os eventos sociais, ou seja, como ser uma princesa de verdade.

Identificamos nessa proposta pedagógica um retrocesso no que tange ao padrão social e estético na formação dessas meninas, pois a concepção difundida pela instituição traz à tona noções de feminilidade tradicionais e retrógradas, pautadas em noções de bons costumes, normas morais e de etiqueta para a construção de mulheres dóceis e passivas, que não questionam ou problematizam situações vivenciadas dentro ou fora de seu “castelo”.

Acreditamos ser extremamente importante trazer a cena sempre o debate acerca das formas estereotipadas de se sentir e viver a feminilidade, buscando evitar o que Simone de Beauvoir nos fala acerca do conservadorismo e de suas virtudes já obsoletas, de um modelo de moral em que só a mulher deve cuidar da família e da casa, onde por vezes não são respeitadas e nem reconhecidas por suas famílias.

Observações Finais

E voltamos ao espanto, motivo inicial para a realização desse artigo. Ao longo das leituras e pesquisas que realizamos para a construção dessa escrita nos deparamos com a pluralidade de sentidos do que é ser mulher.

Adentramos por uma proposta pedagógica que vincula sonhos e desejos a manutenção de um modelo de comportamento que tolhe o desejo de liberdade ou de escolha dessas meninas e jovens que chegam à Escola de Princesas ainda na idade de 04 anos.

Nessa fase do desenvolvimento infantil a descoberta dos contos de fadas, das histórias de princesas e príncipes invadem o imaginário dessas pequenas meninas, que podem ou não desejarem se tornar princesas e isso se dá, justamente pelo fato de que não somos todas iguais e que a imposição de certos valores, regras morais ou ensinamentos não vão garantir que essas pequenas meninas se transformem em princesas quando mais velhas.

Devemos ainda alertar que o principal ponto desse modelo educacional está nos possíveis efeitos de uma estrutura hegemônica que traz à tona um único modelo de ser mulher e que nos faz questionar quais as atribuições que nesse caso são associadas à feminilidade? Pois não existe apenas uma única forma/ maneira de ser e se sentir mulher.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia, 2016.
- BETLHERM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- BUENO, Michele Escoura. *Girando entre princesas: performances e contornos de gênero em uma etnografia com crianças*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual- Essa nossa (des)conhecida*. Ed: Brasiliense, 1984.
- CÚNICO, Sabrina D. *et al.* “?Toda Mujer sueña com ser princesa? Problematizaciones sobre escuelas de princesas”. In: *Revista de Psicología: Teoría e Práctica*. São Paulo, maio-ago. 2018, pp. 175 – 187.
- FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MANSSON, Stela. Escola para meninas ensina modos de princesa. Folha de São Paulo, 28/06/2013, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1317885-escola-para-meninas-ensina-modos-de-princesa.shtml>; acesso em 30/01/2021.
- MORENO, Monserrat. *Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola*. São Paulo: Moderna, 2003.
- NETO, José Alves de Freitas. “O espanto e a capacidade de pensar”. In: *Jornal da UNICAMP*, 08/11/2017 acesso em 24/01/2021.
- ORLANDI, Leticia; MENDES, Valeria. Natália de Mesquita: todas as mulheres são princesas ou rainhas, mas algumas esquecem. Correio Web, 30/08/2013, disponível em: http://sites.correioweb.com.br/app/50,114/2013/08/30/noticia_saudeplena,145184/nathalia-de-mesquita-todas-as-mulheres-sao-princesas-ou-rainhas-mas.shtml; acesso em 30/01/2021.
- RESENDE, Fernanda. Escola de Princesas em Uberlândia supera expectativas de professora.G1, Triângulo Mineiro, 07/07/2013, disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/07/escola-de-princesas-em-uberlandia-supera-expectativas-de-professora.html>, acesso em 30/01/2021.
- VERÓN, E. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix: ed. da USP, 1980.
- VIEIRA, Joice Melo. “Era uma vez...esta pode ser a sua história”. In: *Revista Pagu*, n.26, 2006.

Submetido em janeiro de 2021

Aprovado em fevereiro 2021

Informações do(a)s autor(a)(es)

Nome da autora: Renata Rodrigues Brandão
Afiliação institucional: Faculdade São Judas Tadeu
E-mail: naner_rj@hotmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3306-0275>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4597395049577491>

Nome segunda autora: Teresa Vitória F. Alves
Afiliação institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: teresavalves@hotmail.com
ORCID: 0000-0003-1970-4975
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2217655483474385>